



remaa

Trilhas possíveis para ver, pesquisar e ensinar cinema no campo da Educação Ambiental

Rafael Nogueira Costa¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2790-5742>

Robson Loureiro²

Universidade Federal do Espírito Santo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8272-5368>

Resumo: O escopo do artigo é compreender, por meio de uma revisão bibliográfica, de que maneira o cinema tem sido incorporado e debatido por quem produz ciências, nos inúmeros centros de pesquisa e programas de pós-graduação, no Brasil. Nossa hipótese é de que as hibridizações provocadas pelas intersecções entre distintos campos, permeadas pela linguagem cinematográfica, possibilita a criação de um solo fértil para a proliferação de propostas teórico-metodológicas para o campo da Educação Ambiental. Como resultado, infere-se que tem havido um considerável acúmulo de investigações que apontam para formas distintas de se relacionar a Educação Ambiental com a criação cinematográfica. Entretanto, ainda é mister novas iniciativas de sistematização dessas aproximações a partir de pesquisas no Brasil e na América Latina, sendo necessário um esforço coletivo para o avanço e o aprofundamento desse debate.

Palavras-chave: Formação docente. Tendências. Propostas.

Posibles caminos para ver, investigar y enseñar cine en el campo de la Educación Ambiental

Resumen: El alcance del artículo es comprender, a través de una revisión de la literatura, cómo el cine ha sido incorporado y debatido por quienes producen ciencia, en innumerables centros de investigación y posgrados en Brasil. Nuestra hipótesis es que las hibridaciones provocadas por las intersecciones entre diferentes campos, permeadas por el lenguaje cinematográfico, posibilitan la creación de un terreno fértil para la proliferación de propuestas teórico-metodológicas para el campo de la Educación Ambiental. Como resultado, se infiere que ha habido un cúmulo considerable de investigaciones que apuntan a diferentes formas de relacionar la educación ambiental con la creación cinematográfica. Sin embargo, aún existe la necesidad de nuevas iniciativas para sistematizar estos enfoques basados en investigaciones en Brasil y América Latina, requiriendo un esfuerzo colectivo para avanzar y profundizar este debate.

Palabras-clave: Formación de profesores. Tendencias. Propuestas.

Possible trails to see, research and teach cinema in the field of

¹Biólogo, Doutor em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, Macaé.

E-mail: rafaelnogueiracosta@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: robbsonn@uol.com.br

Abstract: The scope of the article is to understand, through a literature review, how cinema has been incorporated and debated by those who produce science, in countless research centers and graduate programs in Brazil. Our hypothesis is that the hybridizations caused by the intersections between different fields, permeated by the cinematographic language, enable the creation of a fertile soil for the proliferation of theoretical-methodological proposals for the field of Environmental Education. As a result, it is inferred that there has been a considerable accumulation of investigations that point to different ways of relating environmental education to cinematographic. However, there is still a need for new initiatives to systematize these approaches based on research in Brazil and Latin America, requiring a collective effort to advance and deepen this debate.

Keywords: Teacher Education. Tendencies. Proposals.

Introdução

A pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) nos forçou, de maneira abrupta, a repensar todo o cotidiano do ensino, pesquisa e extensão, em especial nas instituições públicas de ensino superior. Entre os principais desafios, a sala de aula precisou ser (re)imaginada e os encontros virtuais foram as únicas possibilidades de interação. As aulas foram divididas em atividades síncronas e assíncronas. Nas assíncronas, o audiovisual, em especial os filmes passaram a ocupar parte considerável do espaço das atividades de várias disciplinas. Este artigo visa apresentar algumas experiências de cientistas que atuam nos mais diversos campos do conhecimento e que se se sentiram desafiados a incorporarem a linguagem cinematográfica no centro das questões de pesquisa, ensino e extensão. O desejo é contribuir com o campo Educação Ambiental e apontar caminhos possíveis para tempos que nos exigem criatividade.

O cinema tem o poder de evocar o passado, focar aspectos e fragmentos que compõem a totalidade do presente e nos deslocar para o futuro. Ele é tanto uma arte, como também indústria, tecnologia e um potente aparelho técnico que pode sintetizar o trabalho humano no âmbito da produção do conhecimento científico. Com a linguagem cinematográfica é possível imaginar e “criar” mundos. Mais do que uma simples forma de *filmar*, o cinema tem condições de reelaborar inúmeros aspectos da existência ordinária, dela sendo capaz de extrair o que bem entender. Tal como a literatura, as artes plásticas e a música, por meio do cinema é possível explorar “[...] os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a realidade, em vez de obscurecê-la ou de a ela nos submetermos” (TEIXEIRA; LOPES, 2003, p. 10). O cinema possui forças, trajetórias, tendências e propensões, revela singularidades (SOUZA, 2015).

O cinema pode ser concebido como parte de uma indústria (MICHEL; AVELLAR, 2014); um meio de formação (não formal e formal), principalmente, quando vinculado ao currículo

escolar (COHN, 2013; BERTI; CARVALHO, 2013) ou como subsídio para compreender as políticas públicas e as instituições do Estado que traçam a sua regulação, fiscalização e incentivo (FONAZARI, 2006). Ele também pode ser identificado pelo seu campo científico, com congressos, grupos institucionalizados de pesquisa e revistas especializadas. Há inúmeras outras formas de se conceber e se relacionar com o cinema, contudo, foge do escopo, deste artigo, esgotar essas relações.

De muitos cinemas se faz o cinema. Da mesma maneira, a ciência é uma constelação de ciências. Este artigo busca identificar as distintas maneiras de pesquisar e educar com o cinema a partir da perspectiva de cientistas no Brasil. Afinal, de que maneira o cinema tem sido incorporado e debatido por quem produz ciência nos inúmeros centros de pesquisa e programas de pós-graduação? Existe uma inserção do pensamento crítico, em especial, da educação libertadora, inspirada em Paulo Freire, nas pesquisas com cinema?

Nossa hipótese é de que as hibridizações provocadas pelas intersecções entre distintos campos, permeadas pela linguagem audiovisual, em especial a cinematográfica, possibilita a criação de um solo fértil para a proliferação de propostas teórico-metodológicas para o âmbito da formação docente, com ênfase para o debate em torno da dimensão ambiental.

A pesquisa segue a metodologia adotada por Reigota (2007, p. 36), que desenvolveu um estudo sobre o estado da arte da Educação Ambiental no Brasil, procurando “enfocar os aspectos pedagógicos e políticos” do campo “presentes nas teses e dissertações defendidas em universidades brasileiras”. Nesse sentido, fez-se um levantamento bibliográfico de característica exploratória (entre 2009 e 2018) – nas seguintes bases de dados: Banco de Teses e Dissertações da Capes e na plataforma *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. No processo de tratamento da literatura explorada, foi elaborada uma lista de descritores – em português e inglês – usados na busca, com o intuito de envolver os temas relacionados à produção audiovisual em áreas distintas da ciência, dentre elas: cinema, audiovisual e vídeo.

A revisão bibliográfica foi realizada com base na literatura científica e procurou-se elaborar uma problemática teórica. A partir dos dados encontrados foi realizado uma análise crítica em relação a produção científica produzida a partir do diálogo com a linguagem cinematográfica. Analisamos o estado atual do conhecimento científico sobre cinema, “[...] comparando e contrastando abordagens teórico-metodológicas utilizadas [...], de modo a identificar pontos de consenso, bem como controvérsias, regiões de sombra e lacunas que

merecem ser esclarecidas” (ALVES, 1992, p. 54).

Vosgerau e Romanowski (2014, p. 167) apontam que “[...] os estudos de revisão consistem em organizar, esclarecer e resumir as principais obras existentes, bem como fornecer citações completas abrangendo o espectro de literatura relevante em uma área”. Dessa forma, buscou-se romper com a ideia de que, na ciência, as imagens ocupam papel secundário, subalterno ou apenas complementar, conforme apontado por Schwarcz (2014). Essa autora considera que existe uma ideia de que as imagens funcionam como “[...] ilustrações, no sentido de que apenas ‘adornam’ uma tese previamente conhecida” ou “exemplificam conclusões já estabelecidas” (SCHWARCZ, 2014, p. 391).

O quadro referencial adotado para fazer as leituras e as análises foi a perspectiva crítico-emancipatória, com base na contribuição teórica de Paulo Freire. Dessa forma, buscamos interpretar e sistematizar as diferentes maneiras de se relacionar com as imagens. Espera-se, que o estudo possa contribuir com o conhecimento sobre a relação entre cinema no campo da Educação Ambiental pois, em linhas gerais, o escopo da pesquisa é tanto sumarizar uma parte dos trabalhos realizados, como também conhecer as diferentes perspectivas teóricas neles presentes.

O artigo está dividido em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, tecemos uma breve reflexão sobre a relação da ciência com as imagens. Na segunda seção, analisamos as teses e dissertações defendidas em diferentes programas de pós-graduação no Brasil. Na terceira seção, foi realizado um levantamento bibliográfico na plataforma *Scielo* e analisados os artigos que apresentaram aproximações entre cinema e o campo da Educação Ambiental.

A ciência no mundo das imagens

O cinema se apropriou dos efeitos empregados pelos lanternistas, pesquisadores e inventores dos séculos XVIII e XIX (MANNONI, 2003). A invenção do equipamento utilizado para a captação e exibição da imagem em “movimento”, por intermédio da fotografia, como a câmera estereoscópica, faz parte de uma corrida científica que visava, entre outras questões, a compreensão do movimento dos animais. Jean Claude Bernardet (2000, p. 14) observa que a máquina cinematográfica não caiu do céu. No fim do século XIX, em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos recrudescer o número de pesquisas com o escopo

de produzir imagens em movimento. Esse foi o contexto da Alta Modernidade, época da burguesia triunfante.

A partir da 2ª Revolução Industrial, com a implantação do uso do petróleo como combustível, com o uso do telefone, da luz elétrica, do avião e de tantas outras possibilidades introduzidas pela ciência, no dia a dia das pessoas, a burguesia capitalista reestruturou a organização da produção e das relações de trabalho. Entre o fim do século XIX e o início do século XX, surgiram todas as invenções que serviram de base para a forma “clássica” da indústria cultural: o cinema e as primeiras emissões de som por ondas de rádio, que possibilitaram as transmissões de imagem pela televisão, por exemplo. Naquele contexto, de tantas inovações, o cinema foi um dos marcos no campo da cultura. À época das grandes invenções científicas e tecnológicas do século XIX, a burguesia também desfrutava a possibilidade de fruição estética em diversas manifestações artísticas anteriores ao processo de sua consolidação política e econômica. Contudo, a arte criada pela burguesia foi o cinema (BERNADET, 2000). Tese similar é defendida por Rosenfeld, para quem

[...] o cinema é filho do capitalismo; foi esse que ofereceu as condições necessárias para garantir o desenvolvimento cinematográfico nos seus aspectos materiais e [...] também artísticos; mas o mesmo sistema que tornou possível o filme como arte, impôs-lhe, simultaneamente, os seus métodos de produção; e ao fabricá-lo apenas como mercadoria ou valor de troca, ameaça estrangular uma arte por ele mesmo criada (ROSENFELD, 2002, p. 64).

O historiador Eric Hobsbawm (1995, p. 12) destaca que, nos países do Ocidente, “[...] o domínio das camadas educadas e um certo elitismo penetraram mesmo o veículo de massa do cinema, produzindo uma época de ouro para o cinema no mundo alemão”. No entanto, talvez essa assertiva não possa ser generalizada para todos os países ocidentais, nem mesmo para os países capitalistas centrais. Mesmo sendo uma invenção referenciada pelos marcos da 2ª Revolução Industrial, prototípica da ascensão e do domínio burgueses, alguns autores afirmam que o cinema teve uma baixa aquiescência, por parte dos intelectuais, dos críticos de cultura, da burguesia e da pequena aristocracia europeia. Estes o receberam com muita resistência à época das primeiras sessões que, em alguns casos, como na Alemanha (1895), foram realizadas para um seleto grupo da aristocracia daquele país. Em outros termos, desde as primeiras exposições públicas, houve quem considerasse o cinema um problema. O escritor russo Máximo Gorky, em seu primeiro contato com o cinematógrafo, na feira de Nijni-Novgorod, Rússia, afirmou:

Ontem à noite, estive no Reino das Sombras. Se vocês pudessem imaginar a estranheza desse mundo! Um mundo sem cores, sem som. Tudo nele, a terra, a água e o ar, as árvores, as pessoas –, tudo é feito de um cinzento monótono. Raios de sol cinzentos num céu cinzento, olhos cinzentos num rosto cinzento, folhas de árvores que são cinzentas como a cinza. Não a vida, mas a sombra da vida. Não o movimento da vida, mas uma espécie de espectro do mundo (GORKY citado em TOULET, s.d., p. 25).

No início do século XX, Georg Duhamel chegou a qualificar o cinematógrafo como “Uma máquina de idiotização e de dissolução, um passatempo de iletrados, de criaturas miseráveis exploradas por seu trabalho” (FERRO, 1992, p. 83). Tal desprestígio, com relação ao cinema, característico de parte considerável da burguesia, foi acompanhado de outros problemas. Havia dúvidas, por exemplo, sobre quem era o autor das imagens. A máquina recebia os méritos. O roteirista foi considerado, durante várias décadas, o autor do filme. Por sua vez, a pergunta bastante comum dizia respeito ao como confiar em imagens que eram pseudorrepresentações da realidade, imagens manipuladas a partir de uma montagem que supostamente se controla. O historiador tradicional levantava todas as razões para duvidar do filme com pretensão à fonte histórica (FERRO, 1992).

De qualquer forma, faz tempo que o cinema já não é mais considerado um entretenimento para analfabetos e a possibilidade de utilizar os filmes como uma fonte histórica legítima, bem como mediador para uma prática social, ele mesmo uma *prática social* em ininterrupta mutação, que contribui para a formação ética e estética do público, bem como nos mais diversos âmbitos da ciência, tem sido mais bem aceita no *métier* acadêmico-científico. Portanto, aqui o cinema é entendido tanto como: uma forma de manifestação artística, sempre em confronto e tensão com sua inserção na “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) e o conjunto das relações sociais; uma forma de fruição estética que educa, tanto por contribuir para a educação da sensibilidade (AMARAL; SANTOS; SANTOS, 2019), quanto por ser um potente dispositivo da memória coletiva da sociedade. É uma prática social capaz de contribuir para inúmeros outros processos formativos, dentre eles, a educação para a ciência, em geral, e a educação ambiental, em particular.

Com base na leitura da produção acadêmica, é possível inferir que os filmes têm ocupado centralidade em diversas pesquisas científicas, destacamos aqui algumas: i) uso de filmes como componentes pedagógicos (CAVALCANTE, 2011); ii) no ensino de ciências (CANDÉO, 2013); na educação de jovens e adultos (SILVA, 2010); iii) análise teórica de obras cinematográficas (KITAMURA, 2011; CONDORELLI, 2011); iv) debate sobre os festivais de

cinema (FERREIRA, 2013) e, v) na relação entre antropologia e ambiente (PITANGA, 2015), todos esses trabalhos trazem reflexões importantes para a Educação Ambiental.

Um olhar sobre o Catálogo de Teses e Dissertações³ da Capes

Os filmes e as mídias eletrônicas, pela facilidade de comunicação e distribuição de informações, influenciaram e modificaram o espaço universitário. O saber está distribuído e não se resume aos “laboratórios, salas de aula, escolas, campus, auditórios e bibliotecas” (OLIVEIRA; VASCONCELLOS, 2019, p. 43-51). Os filmes e os inúmeros endereços de compartilhamentos de produtos audiovisuais são utilizados como forma de estudo, entretenimento e comunicação. Esse fenômeno foi chamado pelo sociólogo Louis Porcher de “escola paralela” e a reflexão está presente no livro *Educar com a Mídia* (GUIMARÃES; FREIRE, 2013).

As primeiras buscas no *Catálogo de Teses e Dissertações* da Capes apontam para um número bastante expressivo de pesquisas científicas em torno da linguagem audiovisual: vídeo (10.327), cinema (8.399) e audiovisual (4.322). O interesse por pesquisas em diálogo com as imagens pode ser identificado em Teses e Dissertações em diversas áreas do conhecimento, por exemplo: Educação (DIAS, 2002; VIEIRA, 2009; CONDORELLI, 2011; SANTOS, 2010; SILVA, 2010; KITAMURA, 2011; ALMEIDA, 2012; BRAZ, 2013; GODOY, 2013; ZACHARIAS, 2013; COLLA, 2014; MELO, 2014; TOMAZI, 2015); Educação Ambiental (LUVIELMO, 2011), Comunicação (NETTO, 2000; CAMARGOS, 2011; NOGUEIRA, 2014; ALBUQUERQUE, 2009), Ciências (NASCIMENTO, 2014), Ensino de Ciências e Tecnologia (CANDÉO, 2013), Ensino de Ciências (CAVALCANTE, 2011), Letras (CORREIA, 2015; FERRAZ, 2006; MARQUES, 2014), Educação Física (COSTA, 2010), Tecnologia (FERREIRA, 2013), Multimeios (GAMO, 2000), Linguística (GOMES, 2010; STEFANI, 2010), Administração Pública (KNOPP, 2008) e Ciências Ambientais (FUENTES, 2013; COSTA, 2016).

Essas múltiplas abordagens possibilitam a enunciação de novas questões: Quais são as principais tendências e os pontos de fragilidade sobre os trabalhos defendidos em diálogo com o cinema e o campo da Educação Ambiental? Qual é o caráter epistemológico-político dessas narrativas, reflexões e análises?

³ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

Para muitos cineastas que pensam a dimensão socioambiental, a interação entre as sociedades e a natureza sempre estiveram integradas, pois captar e descrever aspectos e fenômenos sociais e naturais, por meio do audiovisual, revela situações, diálogos, conflitos e contradições nos modos como os grupos sociais interagem com os territórios. Este é o caminho percorrido por cineastas adeptos ao chamado “cinema ambiental”.

Não é o objetivo deste artigo discutir o conceito de “cinema ambiental”, pois essa categoria é preenchida por uma pluralidade de visões. Para exemplificar, Ferreira (2013), apresentou distintas maneiras de pensar o ambiente na ótica do cinema ao pesquisar o maior festival da área, o Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA) e concluiu que as definições “dependem das concepções ambientais dos sujeitos que a denominam” (FERREIRA, 2013, p. 132). Guido e Bruzzo (2013), apontam sobre a invenção desse gênero no Brasil a partir da filmografia inventariada pelo jornalista Beto Leão.

A leitura dos trabalhos nos revela uma diversidade de abordagens teórico-metodológicas, para exemplificar, destacamos quatro estratégias encontradas para trabalhar com audiovisual nas universidades: i) Uso de filmes como componentes pedagógicos: exibir e debater; ii) Compreender a dimensão política da imagem; iii) Análise teórica de obras cinematográficas e iv) Produzir coletivamente.

Uso de filmes como componentes pedagógicos: exibir e debater

Um dos caminhos mais triviais para se trabalhar com audiovisual é a exibição de obras prontas, produzidas pela *indústria cultural* (ADORNO, 2020), no qual os Estados Unidos da América ocupam posição principal. Este tipo de abordagem, descontextualizada com as questões locais, pode gerar aquilo que Paulo Freire definiu como *invasão cultural*. Para Freire (2013), a *invasão cultural* é uma das características da “teoria da ação antidualógica”:

[...] na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidualógica, os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção [...]. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores (FREIRE, 2013, p. 205).

Luvielmo (2011) e Colla (2014), por exemplo, utilizaram a animação *Wall E.* para promover reflexões sobre a sociedade contemporânea e as relações entre os humanos, suas tecnologias e a natureza. Luvielmo (2011) analisou os discursos produzidos pela animação,

tendo como referencial teórico a discussão de biopoder defendida por Michel Foucault. Por outro lado, Colla (2014) concentrou suas análises em um estudo de recepção dessa animação com educadoras para discutir educação ambiental orientada pela experiência estética cinematográfica. Maria (2017), exibiu filmes produzidos em quatro países (Espanha, França, Estados Unidos e Bolívia), todos vinculados à temática dos recursos hídricos, buscando identificar o impacto sensibilizador deste recurso.

Com base no arcabouço teórico de Piaget, Vieira (2009) realizou uma pesquisa em duas escolas estaduais do Paraná a partir de exibição de filmes com aplicação de questionários antes e depois das exibições e entrevistas em grupos focais. Para o autor, a exibição dos filmes relatando “os problemas ambientais causados diretamente pela ação humana” contribuíram para “provocar o dinamismo da inteligência do aluno na direção do conhecimento vivo, operante e capaz de dialogar com o ambiente concreto”, atingindo o “propósito final de educar, através da transformação da consciência e dos valores dos alunos” (VIEIRA, 2009, p. 123-126).

Vieira (2009), exibiu quatro filmes, sendo que três estrangeiros e um nacional, porém produzido por uma organização ambiental internacional. Para identificar as mudanças de comportamento, foi aplicado um questionário após a exibição. O que nos provoca um questionamento em relação as limitações deste tipo de técnica. Será que realmente a aplicação de questionários após a exibição de filmes funciona como instrumento para medição de mudanças de comportamento?

A proposta de exibir filmes estrangeiros e promover o debate, não precisa ser descartada. Pois o contato com a diferença pode promover reflexões interessantes, conforme apontou Paulo Freire: “O papel do educador ou da educadora progressista, que não pode nem deve se omitir, ao propor sua “leitura do mundo”, é salientar que há outras “leituras de mundo”, diferentes da sua e às vezes antagônicas a ela” (FREIRE, 2019a, p. 155).

Entretanto, o Brasil apresenta um vasto repertório de filmes, produzidos dentro da indústria cinematográfica ou de forma independente. Muitos desses filmes apresentam narrativas vinculadas aos territórios e podem funcionar como estímulos para debates mais contextualizados com as nossas realidades. Alguns são levados para circuitos educativos para serem exibidos em espaços formais e informais, por exemplo: presídios (CAVALCANTE, 2011; MELO, 2014); no ensino de ciências (SANTOS, 2010); em escolas do ensino médio e técnico

(CANDÉO, 2013); na educação de jovens e adultos (SILVA, 2010) e em abordagens no campo da educação ambiental (VIEIRA, 2009).

Parece ser nessa linha que Cavalcante (2011) considera as possibilidades e limitações da exibição em presídios. Sua pesquisa analisa o impacto da exibição de um filme na educação prisional em Brasília e busca promover aulas de Biologia, com base na problematização e no diálogo defendido por Paulo Freire. A autora demonstra que a prática favorece a leitura de mundo e a autorreflexão. Também Melo (2014), em sua pesquisa, analisa as experiências e a prática docente, a partir da exibição de filmes em escolas prisionais e utiliza a principal ferramenta da antropologia, a etnografia, para revelar como os filmes são trabalhados como elemento didático. Em sua pesquisa, Candéo (2013) utiliza filmes para trabalhar com estudantes do ensino médio e técnico, conceitos dos pressupostos teóricos da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) como estratégia para a promoção da alfabetização científica e tecnológica. Para Ferreira (2013), alguns filmes podem funcionar como elemento educativo capaz de provocar reflexões, ou seja, alguns filmes servem para: “[...] pararmos para pensar, pensarmos mais devagar, olharmos mais devagar, ouvirmos mais devagar, demorarmos nos detalhes, abrirmos os olhos e ouvidos, ficarmos em silêncio, ativando a memória e as lembranças (FERREIRA, 2013, p. 135).

Compreender a dimensão política da imagem

Nas sociedades massificadas os indivíduos “pensam” e agem de acordo com as prescrições que recebem diariamente dos chamados meios de comunicação. Nestas sociedades, em que tudo ou quase tudo é pré-fabricado e o comportamento é quase automatizado, os indivíduos “se perdem” porque não têm de “arriscar-se” [...]. A tecnologia deixa de ser percebida como uma das grandes expressões da criatividade humana e passa a ser tomada como uma espécie de nova divindade a que se cultua (FREIRE, 2019b, 136).

O cinema sempre ocupou um local de disputas políticas e ideológicas. Camargos (2011, p. 226) esclarece que, em torno da produção audiovisual, existe uma arena permeada por uma série de questões de interesse, como a “[...] disputa entre a produção audiovisual independente nacional e os canais internacionais”. Por isso, torna-se imperativo, pensar em estratégias de divulgação de filmes independentes e críticos, principalmente aqueles comprometidos com a transformação da sociedade.

Com base na perspectiva de filosofia de Walter Benjamin, Albuquerque (2009) investigou a entrada do universo digital, nas práticas culturais e na produção imagética

advindas do interior de uma comunidade da periferia urbana de Fortaleza. Com essa investigação, intitulada, “digital oprimido” o autor buscou ver e ouvir “[...] o que os jovens estão ‘dizendo’ ou ‘narrando’ por meio da imagem digital” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 5).

No Brasil, o cinema foi historicamente utilizado para promoção política, por exemplo, no governo do Getúlio Vargas. Zacharias (2013) percorreu a arquitetura e os espaços educativos do Ginásio Paranaense e encontrou o cinema educativo, que traz um resquício do período do Estado Novo, no qual Getúlio Vargas fez forte investimento no cinema nacional como forma de propaganda política, inserindo-o nas escolas como forma de criação de uma identidade patriótica e moral. Esse recurso pode ter sido utilizado como material didático por docentes que não tinham percepção crítica do material que estavam em mãos.

Gamo (2000) e Almeida (2012), se dedicaram aos estudos dos “cineastas marginais paulistanos” da década de 1970 e apontaram que para toda ação hegemônica, surgem as linhas de fugas, nas margens, nas encruzilhadas, capazes de criar novas linguagens e experimentações.

Analisar filmes

O ponto de partida para uma análise, tanto quanto possível sistemática, da conscientização, deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes no mundo e com o mundo (FREIRE, 2019b, 107).

Analisar teoricamente obras cinematográficas pode ser um caminho para realizar pesquisas científicas, pois muitos filmes carregam informações que contribuem para o nosso entendimento das ligações entre sociedade e natureza. São várias as experiências de análise fílmica (KITAMURA, 2011; CONDORELLI, 2011). Braz (2013) realizou uma interpretação dos discursos de dois filmes do gênero animação: *Up: altas aventuras* e *Como treinar o seu dragão*, ambos produzidos também nos EUA. Em sua pesquisa, Marques (2014) analisou os romances *White Noise* (1985) e *Cosmopolis* (2003), de Don DeLillo. O autor examinou as “estratégias narrativas utilizadas nestas ficções”, que marcam uma “posição contrária ao sistema econômico vigente, o *American way of life*” (MARQUES, 2014, p. 13).

Condorelli (2011), utilizou o conceito de híbrido de Bruno Latour, para analisar o livro autobiográfico de Dersu Uzala e o filme homônimo do diretor japonês Akira Kurosawa (1975). O autor conclui sua pesquisa motivado pela esperança do diálogo entre a arte e a ciência, para que, juntas, possam “[...] instigar mudanças em nossos modos de ser, de conhecer e de viver”

(CONDORELLI, 2011, p. 155). Nesse diálogo, Correia (2015) discute a relação entre as obras literárias e as suas adaptações para os meios audiovisuais que, segundo o autor, faz parte de uma realidade cada vez mais utilizada, como ocorrido com o romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, com adaptações para diversos países, como México, Argentina, Portugal e Brasil (CORREIA, 2015).

Kitamura (2011) estabelece um diálogo entre cinema e educação ambiental, no qual enfatiza a análise dos conflitos socioambientais, a partir dos filmes produzidos por Adrian Cowellⁱ, entre eles *A Década da Destruição*. Na pesquisa, a autora utiliza conceitos como polifonia e dialogismo (de Michail Bakhtin) para fundamentar a importância do cinema como veículo de comunicação e considera que as imagens produzidas nos documentários de Cowell possibilitam ao espectador experimentar “[...] a mentalidade e os projetos econômicos desenvolvimentistas em vigor, contextualizados, em um período específico da região amazônica” (KITAMURA, 2011, p. 158).

Produzir coletivamente

Entre as quatro estratégias para o trabalho com audiovisual, essa é a que mais se aproxima da proposta educativa defendida por Paulo Freire. Após a criação de oficinas de cinema de animação, Tomazi (2015) partiu de reflexões com o objetivo de fortalecer a capacidade de os alunos “[...] serem produtores de histórias e de desenhos animados e não se reduzirem a meros espectadores do audiovisual disponível” (TOMAZI, 2015, p.66). Nogueira (2014) realizou um mergulho profundo no universo do cinema mais autêntico e reflexivo do Brasil. A autora traçou a historiografia do cinema em Pernambuco e analisou a prática de “brodagem”, definida como “doutrina dos afetos” ou uma “ação entre amigos”, constituída por “grupos de cineastas que operam em um modo colaborativo de produção” (NOGUEIRA, 2014, p. 33).

O cinema enquanto processo é fruto de uma ação coletiva. É quase uma obviedade dizer que não existe (ou existiria) cinema sem um grupo de profissionais especialista em diversas áreas – fotografia, som, arte, produção, elenco – envolvido no ofício de materializar as palavras escritas nas páginas de um roteiro em imagens fotografadas em celuloide (NOGUEIRA, 2014, p. 22).

O cinema, inserido no ensino formal, foi discutido de diferentes maneiras. Dias (2002) utilizou a produção de imagens para promover o encontro entre universidade e escola, por meio de um projeto de pesquisa e identificou três ações: o olhar, o contar e o registrar, que

segundo a autora, “[...] movimentaram a produção durante os momentos de avaliação, análise e produção de textos, fotografias, pinturas e o planejamento coletivo” (DIAS, 2002, p. 4). Costa (2010) “experimentou” a produção cinematográfica, nas aulas de educação física do ensino fundamental, com base na pesquisa-ação.

Godoy (2013) explorou a sua experiência como professora de história, em uma escola da Rede Pública Municipal de Ribeirão Preto (SP), onde, junto com os alunos, desenvolveu a produção de um curta-metragem. A pesquisa buscou compreender como a “[...] leitura e a produção de material imagético, pelos alunos, podem colaborar com o aprendizado e o interesse pelo estudo da História e Geografia local” (GODOY, 2013, p. 103). Como conclusão, foi percebida uma maior compreensão do espaço geográfico e as suas leituras históricas pelos sujeitos.

Nascimento (2014) faz uma reflexão com base no materialismo histórico-dialético, sobre “[...] a possibilidade de estudantes, envolvidos em trabalhos educativos” produzirem representações relacionadas ao “[...] lugar/ambiente como principal fonte de investigação” dentro da temática socioambiental (NASCIMENTO, 2014, p. 13). O autor experimentou a produção de uma animação construída por “[...] sujeitos imersos em discussões sobre a realidade concreta de seu contexto de vivência”, e, dessa forma, contribui para ampliar e identificar as percepções “dos problemas que afetam os educandos” (NASCIMENTO, 2014, p. 314).

Knopp (2008) desenvolveu um estudo de caso em Nova Iguaçu (RJ) e entre os programas culturais implementados pela prefeitura analisou a *Escola Livre de Cinema*, “a primeira escola de audiovisual da Baixada Fluminense” em funcionamento, desde 2006, que atende aos alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino no contraturno em núcleos na cidade (KNOPP, 2008, p. 121). Por meio do audiovisual os “[...] jovens podem expressar suas subjetividades, suas visões de mundo e fazer suas próprias mediações com o mundo vivido”, com isso, reforçar os “[...] sentidos de enraizamento e pertencimento das pessoas da comunidade” e formar “[...] cidadãos participativos, capazes de melhorar a sua própria realidade e a da sua comunidade” (KNOPP, 2008, p. 124-136).

Correia (2015) pontuou que a produção audiovisual é o resultado de uma coletividade e cabe ao espectador acompanhar histórias “[...] que já foram escolhidas, de acordo com a visão de uma equipe de profissionais”, sendo bastante marcada pela presença do diretor e da

equipe (CORREIA, 2015, p. 18). Netto (2000) verificou as condições para produção audiovisual na Universidade de São Paulo e constata que a produção universitária é marcada pela forma de produtos de divulgação científica para “[...] transmissão de conhecimentos à população por meio da simplificação da linguagem, tornando o hermético texto científico acessível à compreensão leiga” (NETTO, 2000, p. 144). Ao entrevistar a professora Cremilda Medina (Comunicação-USP), Netto (2000, p. 145) apresenta a “perspectiva comunicacional de cunho transformador” por ela defendida. Segundo Medina, o “[...] projeto de comunicação que se pretenda inovador, digno das expectativas sociais da transformação”, tem que seguir a lógica de uma “oficina experimental”, na qual o eixo seja condizente com uma “[...] linguagem dialógica e na criação de narrativas democráticas a serviço da cidadania” e concluiu que há “falta de autonomia de ações” e a “descontinuidade das práticas de produção audiovisual” na universidade (NETTO, 2000, p. 146).

Santos (2010) traçou um panorama da utilização do audiovisual no ensino de ciências e observou as diversas formas de aplicação no ensino, com base nos trabalhos publicados no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, no período de 1997 a 2007; constatando a ocorrência de ampliação do número de trabalhos que abordam o audiovisual no decorrer dos anos. Silva (2010) promoveu reflexões sobre prática da “pedagogia da imagem” com educadoras da Educação de Jovens e Adultos, na rede de ensino do município de João Pessoa, Paraíba. Por meio de uma pesquisa qualitativa, a autora aplicou questionários e analisou documentos. Para ela, “[...] a imagem apresenta potencial pedagógico e é mediadora entre conhecimento e o sujeito”, permitindo ampliar os saberes dos participantes do processo, “oportunizada pela leitura de mundo por mediação da imagem” (SILVA, 2010, p. 147-149).

Após a leitura desses trabalhos, identificamos pouquíssimos estudos que se dedicaram a pensar o espaço de produção cinematográfica como *lócus* de formação. Da mesma maneira, percebemos que a maioria das pesquisas versa sobre o cinema como prática social, como modo de formação ética e estética, de maneira mais ampla.

Identificamos poucos trabalhos que promovem o diálogo entre o cinema e a educação ambiental crítica, um campo que estabelece diálogos com a teoria freiriana. Sabe-se que a Educação Ambiental pode ser concebida como um campo científico (REIGOTA, 2007; LAYRARGUES; LIMA; 2014) e também como um ato político (SORRENTINO et al., 2005). A

Educação Ambiental pode ser vista como uma política pública institucionalizada (BRASIL, 1999), dentro de um panorama amplo de visões distintas (SOUZA; SALVI, 2012). Por isso, nosso interesse segue em identificar, sistematizar e compreender esse diálogo sobre as óticas da educação, conforme defendido por Paulo Freire (COSTA; LOUREIRO; SÁNCHEZ, 2020).

A partir dessa breve revisão de literatura, é possível inferir que o cinema é de fato uma prática social com desdobramento em diversos campos: a educação formal, o científico, o cultural, econômico etc., todos atravessados pela dimensão política. Pode-se também afirmar que, no meio acadêmico, tem havido um crescente interesse pelo universo da imagem, em especial do cinema, indo de encontro ao plano de metas da Ancine, “[...] ampliar o número de teses e dissertações publicadas sobre o audiovisual” e “ampliar o número de instituições de ensino articuladas com arranjos regionais de produção audiovisual” (ANCINE, 2013, p. 114).

A área da Educomunicação dialoga intrinsecamente com essa abordagem e as práticas já se encontram consolidadas em experiências “levadas a termo em salas de aula, organizações não governamentais, iniciativas de grupos de pesquisa, publicações acadêmicas e livros” (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 12). Para o campo da Educação Ambiental, as interseções com a Educomunicação já foram pesquisadas e o encontro entre as áreas se apresenta como solo fértil para pesquisas, ensino e extensão (ALVES; VIANNA, 2021).

Na próxima seção, apresentaremos, brevemente, como o cinema tem sido incorporado por diferentes perspectivas, e expomos um “retrato” da maneira como os filmes são debatidos nos espaços acadêmicos.

Pesquisas sobre cinema em plataformas científicas

Nesta seção, apresentamos as diferentes aproximações da ciência com o cinema. Foi possível perceber, a partir da busca por artigos (por meio do portal *Scielo*), a necessidade de ampliar o diálogo entre a Educação Ambiental, mediado pela linguagem cinematográfica. Entre os artigos publicados (cf. Portal *Scielo*) com o descrito cinema, há uma maior concentração nas áreas temáticas das Ciências Humanas (566); Ciências Sociais Aplicadas (398); Literatura e Artes (252); Ciências da Saúde (97), Multidisciplinar (49). Na pesquisa conjugada *cinema e educação ambiental* encontramos somente dois artigos (MARCELLO; RIPOLL, 2016; FUENTES; COSTA; RUTA, 2016).

Para Díaz e Rebollo (2013), é necessário pensarmos em estratégias para promoção de

uma “alfabetização audiovisual”. Uma das argumentações é que os pesquisadores precisam incorporar as suas descobertas aos novos meios de comunicação, pois, na prática, o grande público terá acesso aos projetos desenvolvidos por “profissionais de cinema e televisão, que adquirem papel definitivo no resultado final” (DÍAZ; REBOLLO, 2013, p. 161). O resultado é uma divergência entre a teoria presente no livro e os fatos presentes nas telas, e, em muitos casos, o segundo caminho apresenta um público mais amplo quando comparado com o primeiro. Para os autores, “[...] não haverá divulgação histórica possível no mundo ocidental sem recursos audiovisuais”, difundidos pelas múltiplas telas, entre elas, cinema, televisão, computador, celular e videogames (DÍAZ; REBOLLO, 2013, p. 160).

Quiroga (2015) defende essa ideia e aponta que essa prática já está amplamente difundida na Europa e nos Estados Unidos, em especial nas disciplinas que apresentam componentes práticos, como artes visuais, meios de comunicação, arquitetura e estudos cinematográficos.

Ao pensar a América Latina, Quiroga (2015) não apenas analisa essa via de investigação e as suas metodologias, preferencialmente qualitativas e de caráter interdisciplinar, como explora a possibilidade de implementação de um projeto dessa natureza no contexto latino-americano. Para a autora, essa abordagem ainda é um desafio perante os métodos dominantes de pesquisa científica, aqueles atrelados ao discurso positivista, fruto da Revolução Industrial, que separou o trabalho manual do pensamento, não aceitando o lugar da subjetividade e da autobiografia como noções fundamentais.

Nesse sentido, seria então possível se pensar e defender a importância do uso do audiovisual, tanto a produção como a exibição de filmes que tematizam o universo das ciências, no campo da educação científica e ambiental, por exemplo? De 2009 até 2018, presenciamos o crescimento de uma rede de distribuição de filmes independentes no campo da educação ambiental, o Circuito Tela Verde do Ministério do Meio Ambiente. Com a entrada do atual governo federal, esse projeto passou por modificações em sua estrutura. Os filmes críticos foram censurados do circuito, priorizando uma estética de divulgação das áreas protegidas para o uso do ecoturismo.

Do ponto de vista antropológico, a linguagem cinematográfica foi tão importante, ao passo de ser formado um campo do conhecimento intitulado *antropologia visual*ⁱⁱⁱ (NOVAES, 2010; MARTINS, 2013) ou “ciência das imagens” (ZOETTL, 2011). Dessa forma, Peixoto (1999,

p. 106) propõe uma historiografia da relação entre a antropologia e o filme etnográfico e apresenta as possibilidades e contribuições do uso do filme e da fotografia para “o conhecimento das sociedades”. Brum e Jesus (2015), por exemplo, confrontam as narrativas produzidas por não indígenas, recheadas de visões idealizadas no folclore gaúcho, contra a perspectiva indígena, pelo ponto de vista do Coletivo Mbya-Guarani de Cinema. A questão da invisibilidade Guarani, no Rio Grande do Sul é autorrepresentada pelos indígenas e produzida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em parceria com a ONG Vídeo nas Aldeiasⁱⁱⁱ:

Os vídeos não são apenas modos de sistematizar saberes nativos, mas de aprender e refletir coletivamente sobre a história Mbya [...]. São oportunidades de perceber recorrências nas narrativas dos mais velhos, esclarecer dúvidas e comparar tais perspectivas com as experiências vividas (BRUM; JESUS, 2015, p. 220).

Algumas obras produzidas por cineastas entram para o universo acadêmico e são debatidas em diversos cursos, como é o caso do extenso trabalho de Eduardo Coutinho e Silvio Tendler. Para Frochtengarten (2009), a obra do Coutinho quebrou com o mito positivista da neutralidade do filme documentário: “Conhecido pelas entrevistas com pessoas anônimas, seus filmes revolucionaram a produção no gênero: ajudaram a derrubar o mito da neutralidade dos documentários e desfizeram a separação entre o diretor e os personagens” (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 125). Também com foco na obra de Coutinho, Lins (2016, p. 41) destaca que o documentarista investigava obstinadamente os “modos de falar de seus personagens, suas invenções verbais, suas possibilidades de fabular”.

No campo específico da formação, o uso do cinema é discutido por Duarte e Alegria (2008), que debatem sobre a conexão entre cinema e educação no Brasil e descrevem um estudo de caso com crianças no Rio de Janeiro. Em Duarte (2009), podemos encontrar uma sistematização do campo cinema e educação no Brasil, passando pela pedagogia do cinema e suas narrativas, além de apresentar reflexões sobre o cinema na escola. Pacheco (2016, p. 98), também traz apontamento interessantes para o campo do cinema e educação no Brasil, além de ter identificado que “a maior parte dos projetos de cinema e educação não permite que os jovens se expressem livremente, e os mantêm presos a repetições da narrativa clássica”.

Em fluxo parecido, Almeida (1999), trata do uso político e institucional do cinema no Brasil, exemplificado pelo projeto do Instituto Nacional do Cinema Educativo. Com isso, observa-se a formação de um ideal político do cinema nacional no período do Estado Novo,

com inspirações na proposta de um “cinema educativo” criado por Hitler e Mussolini. A proposta era utilizar o cinema para educar e propagar a mensagem de um ideal nacionalista. Entretanto, o início da Segunda Guerra e a “política da boa vizinhança” levaram os Estados Unidos a estabelecer uma unidade cultural com o Brasil, propagando pelo cinema *American way of life* (ALMEIDA, 1999).

Além dos artigos, o campo científico tem criado em seus encontros, espaços para exibição e debate de filmes, como ocorre na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) e no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (Enpec). São espaços que estimulam reflexões e potencializam novas produções cinematográficas por cientistas. De certa forma, a incorporação da obra de Paulo Freire, que traz uma concepção de educação dialógica, política e crítica aos estudos com a produção/exibição de filmes, ainda é incipiente e pode ser identificada em poucos trabalhos no Brasil (NETTO, 2000; SILVA, 2010; DEBUS, 2011; CAVALCANTE, 2011; PERINELLI NETO; PAZIANI, 2015; FERREIRA *et al.*, 2015; OLIVEIRA, 2017; ALBUQUERQUE, 2009) e no exterior (GOLDFARB, 2002; RICHARDS; JOHNSON, 2017).

Talvez, esse seja o nosso motivo de escrever esse artigo, consolidar a ideia de que a ciência possa ir, cada vez mais, ao cinema, principalmente com motivações críticas e libertadoras para transformar o mundo na luta “contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais” (FREIRE, 1996, p. 145).

Considerações finais

Após interpretar e sistematizar as diferentes maneiras de se pesquisar com as imagens, a partir da revisão bibliográfica, identificamos quatro principais abordagens: i) exibir e debater; ii) politizar as imagens; iii) analisar filmes e iv) produzir coletivamente. Dessas quatro alternativas, a que mais se aproxima da proposta educativa de Paulo Freire é a última (produzir coletivamente). Entretanto, todas trazem possibilidades de se trabalhar criticamente com as imagens. Em relação a exibição e análise fílmica, ainda existe uma certa tendência em trabalhar com filmes produzidos pela indústria do entretenimento, especialmente aqueles produzidos em *Hollywood*. Esse é um dos principais pontos de fragilidade dos trabalhos, principalmente daqueles que não fazem uma leitura crítica deste tipo de produção. Pois, “o pensar crítico é fundamental” como estratégia para “enfrentar a

potencialidade mitificante da tecnologia” (FREIRE, 2019b, p. 135).

Um dos caminhos para se trabalhar com cinema é estabelecer uma reflexão crítica sobre as imagens, realizando uma mistura dessas quatro tendências. O encontro com o cinema é um solo fértil para a proliferação de propostas teórico-metodológicas para o âmbito da formação docente e para pesquisas científicas. Entretanto, ainda é mister novas iniciativas de sistematização dessas aproximações a partir de pesquisas no Brasil e na América Latina, sendo necessário um esforço coletivo para o avanço e o aprofundamento desse debate.

O mesmo acontece quando se pensa na expansão da produção imagética na contemporaneidade, no crescimento de fóruns de discussão, de festivais de cinema e a inserção de práticas e exibições de filmes em espaços científicos, o que se espera ou, ao menos, se deseja, é que os trabalhos teóricos, pudessem acompanhar esse recrudescimento da produção no campo cinematográfico. Não resta dúvidas de que a ciência ainda tem um longo caminho para percorrer as muitas possibilidades que o cinema oferece, especialmente quando vinculado a uma perspectiva crítica e libertadora. Não existe uma linha central para caracterizar, do ponto de vista epistemológico-político as narrativas, reflexões e análises. O que vemos é uma proliferação de modos de se trabalhar com cinema.

A partir desses trabalhos, interessa-nos a produção de um cinema concebido como *prática social crítica e libertadora*, fundamentada em uma estética freiriana. Isso significa, de antemão, pensar que todo o processo de criação, no campo do cinema, pudesse ser carregado por uma dimensão ético-estética-libertadora, capaz de dar voz e vez aos explorados, aos excluídos da história oficial. Partir do que é mais ordinário, mais senso comum, para, em especial, por meio de inúmeras mediações dialógicas, ampliar as condições de possibilidades de existência para além do mesquinho cotidiano.

Entendendo o potencial de pesquisas científicas na interface entre Ciências Ambientais e cinema, criamos uma disciplina eletiva no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o título Educação Ambiental e Cinema. A disciplina já foi oferecida três vezes. Nas duas primeiras utilizamos uma mistura entre as quatro abordagens mencionadas. Durante a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) a disciplina foi oferecida de maneira remota e se mostrou muito viável e potente, pois o cronograma e o planejamento da disciplina estabeleceram inúmeros diálogos entre as obras fílmicas e as pesquisas científicas no campo da Educação Ambiental.

É mister atentar para a forma de expressão, a dimensão ética e estética que se dá no processo de mediação entre o universo das ciências e aqueles que vão ser formados para com elas lidarem. Interessante seria se a produção científica, bem como a sua divulgação e o processo formativo que acontece nas instituições educacionais, pudessem se apoiar em uma *estética*, uma *forma de expressão* crítico-libertadora. Também o cinema, que aqui é o objeto mediador dessa discussão, acertaria, e muito, ao se apropriar dessa cosmovisão freiriana. Mas, essa é uma conversa para o próximo ensaio.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001. Aos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. À Rachel Hidalgo pela revisão na primeira versão do texto.

Referências

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural** (tradução Vinicius Marques Pastorelli). São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALBUQUERQUE, Edvaldo Siqueira. **Digital do oprimido**: Tecnologia em vida não linear. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/699>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. O cinema brasileiro no Estado Novo: O diálogo com a Itália, Alemanha e URSS. **Revista de Sociologia e Política**. n. 12, p. 121-129, 1999. <https://doi.org/10.1590/S0104-44781999000100007>

ALMEIDA, Ricardo Normanha Ribeiro. **Modo de produzir – Modo de trabalhar**: relações de produção e trabalho no cinema da Boca do Lixo. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

ALVES, Alda Judith. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Cadernos de Pesquisa**, n. 81, p. 53-60, 1992. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/990>. Acesso em: 16 mar. 2021.

ALVES, Beatriz Truffi; VIANA, Claudemir Edson. Interfaces entre Educomunicação e Educação Ambiental nas políticas públicas e em teses e dissertação brasileiras. *In*: COSTA, R. N.; SANCHEZ, C.; LOUREIRO, R.; SILVA, S. L. P. (Org.). *Imaginamundos: Interfaces entre educação*

ambiental e imagens. 1ª ed. Macaé (RJ): Nupem/UFRJ, v. 1, p. 108-136, 2021. Disponível em: <https://nupem.ufrj.br/imaginamundos/> Acesso em: 16 mar. 2022.

AMARAL, Mirian Maia do; SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa Oliveira. O cinema como arte e dispositivo midiático potencializador de atos de currículo multirreferenciais no ensino superior. **Educação** (UFSM), Santa Maria, v. 44, p. 1-24, 2019. <https://doi.org/10.5902/1984644432935>

ANCINE. **Plano de diretrizes e metas para o audiovisual**: o Brasil de todos os olhares para todas as telas. 1ª edição, julho/2013. Rio de Janeiro: Agência Nacional do Cinema, 2013.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERTI, Andreza; CARVALHO, Rosa Malena. O Cine Debate promovendo encontros do cinema com a escola. **Pro-Posições**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 183-199, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000300011>

BRASIL. nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 de abril de 1999. Disponível em: <http://bit.ly/22otzdH>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BRAZ, Carolinne dos Santos. **Infância e cinema de animação**: o poder da mídia na (re)construção das identidades. Dissertação (Mestrado em Educação). 2013. 302 f. do Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13939>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BRUM, Ceres Karam; JESUS, Suzana Cavalheiro de. Mito, diversidade cultural e educação: notas sobre a invisibilidade guarani no Rio Grande do Sul e algumas estratégias nativas de superação. **Horizonte antropológico**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 201-227, 2015. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200009>

CAMARGOS, Carla Gomide Santana de. **Produção audiovisual independente e televisão**: a luta pelo espaço de exibição. 2011. 251 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9722>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CANDÉO, Manuella. **Alfabetização científica e tecnológica (ACT) por meio do enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) a partir de filmes de cinema**. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia). Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ponta Grossa, 2013. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1435>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CAVALCANTE, Elisângela Caldas Braga. **Cinema na cela de aula**: o uso de filmes no Ensino de Biologia para a EJA prisional. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Universidade de Brasília, 2011.

Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9143>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CITELLI, Adilson Odair, SOARES, Ismar de Oliveira; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25>

COHN, Greice. O ensino contemporâneo da arte e a hipótese de Bergala: diálogos e convergências. **Pro-Posições**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 179-199, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000100012>

COLLA, Rodrigo Avila. **Ecologização e convivialidade**: aproximações entre a educação ambiental e o cinema. Dissertação (Mestrado em Educação). 2014. 103 f. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3789/1/455704.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CONDORELLI, Antonino. **Dersu Uzala**: Hibridação Homem-Natureza. 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14494/1/AntoninoC_TESE.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

CORREIA, Carlos Alberto. **O Primo Basílio e a relação espaço e tempo no audiovisual**. 2015. 240 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/132219>. Acesso em: 16 mar. 2022.

COSTA, Jonatas Maia da. **Educação física escolar e a linguagem audiovisual**: uma proposta de ação pedagógica. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6947>. Acesso em: 16 mar. 2022.

COSTA, Rafael Nogueira. **Contribuições do audiovisual para o campo da educação ambiental**: hibridismo e democracia na “Capital do Petróleo”. 2016. Tese (Doutorado Multidisciplinar em Meio Ambiente). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/14322>. Acesso em: 16 mar. 2022.

COSTA, Rafael Nogueira; LOUREIRO, Robson; SANCHEZ, Celso. Da lama ao caos: Uma proposta para a formação de professores na interface entre educação ambiental de base comunitária, cinema e mudança climática. **APEduC Revista - Investigação e Práticas em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia**, v. 1, p. 161-167, 2020. Disponível em: <https://apeducrevista.utad.pt/index.php/apeduc/article/view/74>. Acesso em: 16 mar. 2022.

DEBUS, José Carlos dos Santos. **O cinema que pensa a pedagogia**: autonomia e emancipação das práticas pedagógicas nos filmes O contador de histórias e Entre os muros da escola. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina,

Tubarão, Santa Catarina, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3345>. Acesso em: 16 mar. 2022.

DIAS, Susana Oliveira. **Quando o conhecimento encorpa em tela**: imagens de um encontro entre a escola e a universidade. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação).

Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2002.

DÍAZ, Julio Monteiro. M.; REBOLLO, María Antonia Paz. Historia audiovisual para una sociedad audiovisual. **História Crítica**, Bogotá, n. 49, p. 159-183, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/1qpaNF1>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

DUARTE, Rosalia. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e Realidade**. v. 33, n. 1, p. 59-80, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227051008.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2022.

FERRAZ, Daniel de Mello. **Investigação sobre a leitura através do cinema na universidade**: o letramento crítico no ensino de inglês. 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08082007-140125/pt-br.php>.

Acesso em: 16 mar. 2022.

FERREIRA, Maria Verônica Ferrareze. et al. Lights, camera and action in the implementation of central venous catheter dressing. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 1181-1186, 2015. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0711.2664>

FERREIRA, Thais Arruda. **Reflexões sobre o cinema ambiental**: uma abordagem multidisciplinar. 2013. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). 2013. 203 f. Faculdade de Tecnologia, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP, 2013. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=100217. Acesso em: 16 mar. 2022.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. (Tradução de Flávia Nascimento). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural**: para liberdade e outros escritos. 17ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 25ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. **Psicologia (USP)**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 125-138, 2009.

<https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100008>

FUENTES, Nathalia Moura Muzy. **Territórios, Saberes e Imagens**: Um estudo sobre a percepção da população do entorno sobre o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. 2013. 142 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação do campus Macaé/UFRJ, Macaé, 2013. Disponível em:

https://ppgciac.macaue.ufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Nathalia_Moura_Muzy_Fuentes.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

FUENTES, Nathalia Moura Muzy, COSTA, Rafael Nogueira; RUTA, Christine. Cinema e educação ambiental no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba: reflexões e práticas interdisciplinares e transversais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 136, p. 893-911, 2016. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016160464>

GALACHE, Gilmar. **Koxunakoti itukeovo yoko kixovoku, fortalecimento do jeito de ser terena**: o audiovisual com autonomia. 2017. 123 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31085>. Acesso em: 16 mar. 2022.

GAMO, Alessandro. **Aves sem rumo**: a transitoriedade no cinema de Ozualdo Candeias. 2000. 100 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios), Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GODOY, Adriana Cristina. **As imagens na sala de aula**: a produção de conteúdo visual no ensino de História e Geografia local. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-19022014-173117/publico/AdrianaCGodoy.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2022.

GOLDFARB, Brian. **Visual Pedagogy**: Media Cultures in and beyond the Classroom. Durham, NC: Duke University Press, 2002.

GOMES, Francisco Wellington Borges. **Trajetórias de apropriação de vídeos e filmes por um grupo de professores de língua inglesa**. 2010. 195 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8EBN6C/1/tese.trajet_rias_de_apropri_ao_de_v_deos_e_filmes_por_professores.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

GUIDO, Lucia de Fatima Estevinho; BRUZZO, Cristina. Apontamentos sobre o cinema ambiental: a invenção de um gênero e a educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 27, 2013.

<http://dx.doi.org/10.14295/remea.v27i0.3249>

GUIMARÃES, Sergio; FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre a educação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos – o breve século XX: 1914-1991**. (Tradução de Marcos Santarrita). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KITAMURA, Elisabet. Kimie. **Cinema, meio ambiente e educação: os conflitos socioambientais na representação fílmica de Adrian Cowell**. 2011. 274 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/101580>. Acesso em: 16 mar. 2022.

KNOPP, Glauco da Costa. **Cultura e desenvolvimento local: um estudo do programa bairro-escola na cidade de Nova Iguaçu**. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/3304>. Acesso em: 16 mar. 2022.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Revista Ambiente e Sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, Mar. 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2bF57Fu>. Acesso em: 16 mar. 2022.

LINS, Consuelo. Eduardo Coutinho, linguista selvagem do documentário brasileiro. **Galáxia** (São Paulo), São Paulo, n. 31, p. 41-53, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-25542016123816>

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel (org.). **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LUVIELMO, Marisa de Mello. **Educação ambiental, cinema e biopoder: uma discussão possível**. 2011. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, 2011. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2232>. Acesso em: 16 mar. 2022.

MANNONI, Laurent. **A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema**. Tradução Assef Kfourri. São Paulo: Editora SENAC - UNESP, 2003.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; RIPOLL, Daniela. A educação ambiental pelas lentes do cinema documentário. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 22, n. 4, p. 1045-1062, 2016. <https://doi.org/10.1590/1516-731320160040013>

MARIA, Flávia Regina. **O cinema como instrumento de sensibilização ambiental para conservação da água**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). 2011. 88 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9522?show=full>. Acesso em: 16 mar. 2022.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. **White Noise e Cosmopolis**: análise do processo de desumanização em ficções pós-modernas. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014. Disponível em:

http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_1eea5159b8dca9833d5bc345c95830a8. Acesso em: 16 mar. 2022.

MARTINS, Humberto. Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo. **Etnográfica**, Lisboa, v. 17, n. 2, p. 395-419, 2013.

Disponível em: <<http://bit.ly/1V6SMba>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

MELO, Vanusa Maria de. **Aproveitando brechas**: experiência com cinema em escolas prisionais do Rio de Janeiro. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24107/24107.PDF>. Acesso em: 16 mar. 2019.

MICHEL, Rodrigo Cavalcante; AVELLAR, Ana Paula de Macedo. Indústria cinematográfica brasileira de 1995 a 2012: estrutura de mercado e políticas públicas. **Nova economia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 491-514, 2014. Disponível em:

<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2065>. Acesso em: 16 mar. 2019.

NASCIMENTO, Cecília Maria Pinto do. **Escola e produção de conhecimento sobre o lugar**: a possibilidade de espaços de representação emancipatórios. 2014. 381 f. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

NETTO, Domingos Luiz Barrgmann. **Produção audiovisual na Universidade de São Paulo**. 2000. 205 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27149/tde-14042014-160615/publico/bargmann.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

NOGUEIRA, Amanda Mansur Custódio. **A Brodagem no cinema em Pernambuco**. 2014. 235 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13147>. Acesso em: 16 mar. 2022.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Image Knowledge: An Introduction. **Visual Anthropology (Journal)**, v. 23, p. 261-262, 2010. <https://doi.org/10.1080/08949468.2010.484986>

OLIVEIRA, Eugenio Magno Martins de. **Fernando Birri e Paulo Freire**: educação e cinema em diálogo como práticas da liberdade. 2017. 362 f. Tese (Doutorado em Educação).

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-BA6LYC>. Acesso em: 16 mar. 2022.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de; VASCONCELLOS, Vanessa Alves da Silveira de. Imaginário, mídias e formação: o que pode o professor no espaço universitário?. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 39-60, 2019. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2019.e52561>

PACHECO, Raquel. Reflexões sobre o campo do cinema e educação. *Revista Teias*, v. 17, n. 44, p. 85-100, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24581>. Acesso em: 16 mar. 2022.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Antropologia e filme etnográfico: um travelling no cenário literário da antropologia visual. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 48, p. 91-116, 1999.

PERINELLI NETO, Humberto; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Cinema, prática de ensino de história e geografia e formação docente: produção de curtas-metragens. Experiências e estudos de caso. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 279-304, 2015. <https://doi.org/10.1590/0102-4698136609>

PITANGA, Luisa Helena de Godoy Springer. **Ambientalização, audiovisual e desenvolvimento**: percursos etnobiográficos. 2015. 173f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

QUIROGA, Perla Carrilo. La investigación basada en la práctica de las artes y los medio audiovisuales. **RMIE**, México, v. 20, n. 64, p. 219-240, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/34pF8Z3>. Acesso em: 16 mar. 2022.

REIGOTA, Marcos. O Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 1, p. 33-66, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6130/4491>. Acesso em: 16 mar. 2022.

RICHARDS; Rashna Wadia; JOHNSON, David. **For the love of cinema**: Teaching Our Passion In and Outside the Classroom. Indiana University Press, USA, 2017.

ROSENFELD, Anatol. **Cinema: arte & indústria**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.

SANTOS, Priscilla Carmona dos. **A utilização de recursos audiovisuais no ensino de ciências**: tendências entre 1997 e 2007. 2010. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26042010-092942/pt-br.php>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia e Antropologia**. v. 4, n. 2, p. 391-431, 2014. <https://doi.org/10.1590/2238-38752014V425>

SILVA, Maria Lúcia Gomes da. **O uso da imagem na prática pedagógica das educadoras de jovens e adultos na rede de ensino do município de João Pessoa-PB**. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4937>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SORRENTINO, Marcos. et al. Environmental education as public policy. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200010>

SOUZA, Daniele Cristina de; SALVI, Rosana Figueiredo. A pesquisa em Educação Ambiental: um panorama sobre sua construção. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. v. 14, n. 3, p. 111-129, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/33oMt9W>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SOUZA, Iara Maria de Almeida. A Noção de Ontologias Múltiplas e suas Consequências Políticas. **Ilha**. v. 17, n. 2, p. 49-73, 2015. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n2p49>

STEFANI, Viviane Cristina Garcia de. **O cinema na aula de língua estrangeira: uma proposta didático-pedagógica para o ensino-aprendizagem de espanhol**. 2010. 238 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5693?show=full>. Acesso em: 16 mar. 2022.

TOMAZI, Gustavo Machado. **Audiovisual para educação: oficinas de cinema de animação temáticas educativas**. 2015. 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2015.

TOULET, Emmanuelle. **O Cinema: a invenção do século**. São Paulo: Objetiva, 1998.

VIEIRA, Fernando Zan. **A utilização didática do cinema para a aprendizagem da educação ambiental**. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Ciências Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

ZACHARIAS, Mariana Rocha. **Espaços e processos educativos do Ginásio Paranaense: os ambientes especializados e seus artefatos (1904-1949)**. 2013. 187 f. Curitiba, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/31217>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ZOETTL, Peter Anton. Aprender cinema, aprender antropologia. **Etnográfica**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 185-198, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/1YwVeXs>. Acesso em: 28 nov. 2019.

ⁱ John Adrian Cowell, documentarista britânico, investigou os efeitos da industrialização e do desmatamento na vida dos povos originários da região amazônica.

ⁱⁱ Algumas revistas científicas foram criadas com o intuito de promover esse debate, entre elas: *Visual Anthropology*, *Visual Anthropology Review*, *Visual Studies*, *Visual Communication* e *Visual Sociology* (MARTINS, 2013).

ⁱⁱⁱ O Vídeo nas Aldeias, criado em 1986 por Vincent Carelli, formou uma legião de cineastas indígenas. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br>>. Acesso em: 16 mar. 2022. Galache (2017), destaca também a atuação da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI), GALACHE (2017).

Submetido em: 16-09-2021

Publicado em: 15-08-2022